

INFLUÊNCIA DAS MOLDURAS RELACIONAIS NA COMPREENSÃO DA LINGUAGEM ABSTRATA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

INFLUENCE OF RELATIONAL FRAMES ON THE UNDERSTANDING OF ABSTRACT LANGUAGE IN CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Geisa Teixeira dos Santos Cardoso¹

Hilana Maria Braga Fernandes Abreu²

Heloísa Cavalcante Lacerda³

Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna⁴

1 Discente do Centro Universitário Santa Maria-UNISM.
20212055016@fsmead.com.br.

2 Docente do Centro Universitário Santa Maria-UNISM.
000344@fsmead.com.br.

3 Docente do Centro Universitário Santa Maria-UNISM.
000344@fsmead.com.br.

4 Docente do Centro Universitário Santa Maria-UNISM.
000344@fsmead.com.br.

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação social, no comportamento adaptativo e no desenvolvimento da linguagem, impactando especialmente a capacidade de compreender e utilizar conceitos abstratos. Nesse contexto, a Teoria das Molduras Relacionais (*Relational Frame Theory - RFT*) destaca-se como um importante referencial teórico para compreender os processos envolvidos na linguagem e na cognição humana. **Objetivo:** Investigar como a aplicação da Teoria das Molduras Relacionais (RFT) pode contribuir para a compreensão da linguagem abstrata em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, abrangendo o período de 2014 a 2024. Foram utilizados os descritores “Teoria das Molduras Relacionais” AND “Transtorno do Espectro Autista” AND “linguagem abstrata” AND “comportamento verbal”.

Resultados: A RFT oferece um modelo teórico robusto para explicar o desenvolvimento do comportamento verbal e a aquisição de habilidades abstratas. Os estudos analisados indicam que o ensino sistemático de molduras relacionais favorece a flexibilidade cognitiva, a generalização de aprendizagens e o desenvolvimento do repertório verbal em crianças com TEA, impactando positivamente a linguagem simbólica e a socialização. Além disso, estratégias baseadas na RFT mostraram-se relevantes tanto no contexto clínico quanto educacional. **Conclusão:** A RFT constitui um referencial valioso para a compreensão e intervenção no desenvolvimento da linguagem abstrata em crianças com TEA. Contudo, a literatura ainda apresenta escassez de estudos empíricos voltados à população infantil, ressaltando a necessidade de novas pesquisas que fortaleçam as evidências científicas e subsidiem práticas clínicas e educacionais mais eficazes e inclusivas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Teoria das Molduras Relacionais; linguagem abstrata; comportamento verbal; flexibilidade cognitiva.

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by persistent difficulties in social communication, adaptive behavior, and language development, especially affecting the ability to

*understand and use abstract concepts. In this context, Relational Frame Theory (RFT) stands out as an important theoretical framework for understanding the processes involved in human language and cognition. **Objective:** To investigate how the application of Relational Frame Theory (RFT) can contribute to the understanding of abstract language in children with Autism Spectrum Disorder (ASD). **Method:** This study consists of an integrative literature review conducted in the SciELO and Google Scholar databases, covering the period from 2014 to 2024. The descriptors used were “Relational Frame Theory” AND “Autism Spectrum Disorder” AND “abstract language” AND “verbal behavior”. **Results:** RFT provides a robust theoretical model for explaining the development of verbal behavior and the acquisition of abstract skills. The analyzed studies indicate that the systematic teaching of relational frames promotes cognitive flexibility, generalization of learning, and the development of verbal repertoire in children with ASD, positively impacting symbolic language and socialization. Furthermore, RFT-based strategies proved relevant in both clinical and educational contexts. **Conclusion:** RFT constitutes a valuable framework for understanding and intervening in the development of abstract language in children with ASD. However, the literature still presents a lack of empirical studies focused on the child population, highlighting the need for further research to strengthen scientific evidence and support more effective and inclusive clinical and educational practices.*

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Relational Frame Theory; abstract language; verbal behavior; cognitive flexibility.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação social, no comportamento adaptativo e no desenvolvimento da linguagem, podendo impactar especialmente a capacidade de compreender e utilizar conceitos abstratos. Crianças com TEA frequentemente apresentam desafios na aquisição da linguagem simbólica, o que pode comprometer tanto a interação social quanto a aprendizagem escolar. Nesse contexto, estudos recentes destacam a necessidade de práticas educacionais inovadoras e inclusivas que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e comunicativo dessa população, ampliando suas possibilidades de inserção social e acadêmica (Silva, 2021; Santos, 2021).

Diante dessa problemática, a Teoria das Molduras Relacionais, conhecida como *Relational Frame Theory* (RFT), surge como um arcabouço teórico promissor para compreender e intervir nesses desafios. Fundamentada no behaviorismo contextual, a RFT propõe que o comportamento verbal se desenvolve por meio da aprendizagem de relações arbitrárias entre estímulos, processo que constitui a base para repertórios complexos frequentemente afetados no TEA, como a compreensão de metáforas, analogias, inferências e abstrações (Moura; Souza, 2021).

A utilização de práticas educacionais baseadas na RFT mostra-se especialmente relevante para crianças com TEA, uma vez que favorece a ampliação do repertório verbal e o treino de tomada de perspectiva, habilidade fundamental para a construção de relações sociais, compreensão do outro e fortalecimento da autonomia (Veloza; Silva, 2021). Além disso, o treinamento em molduras relacionais pode estimular a flexibilidade cognitiva, permitindo que a criança transite entre diferentes contextos e generalize aprendizagens, aspecto frequentemente limitado em indivíduos no espectro.

A pertinência desse enfoque encontra respaldo em diferentes vertentes de pesquisa. Boavista et al. (2014), em uma revisão sistemática, demonstram que a RFT fornece um modelo conceitual robusto para explicar a linguagem complexa por meio da formação de relações arbitrárias, legitimando seu uso tanto em práticas clínicas quanto educacionais. Na mesma direção, Ramos Bim (2024) apresenta evidências sobre a aplicação de molduras de oposição em crianças autistas, indicando que procedimentos específicos de ensino podem ser adaptados para o ambiente escolar, favorecendo aprendizagens significativas. Já Duque e Ferraz (2023) reforçam a ideia de que a flexibilidade ética, compreendida como a capacidade de estabelecer, reverter e ressignificar relações arbitrárias, constitui um fator importante no manejo clínico e pedagógico do TEA, fortalecendo a integração entre teoria, prática terapêutica e intervenção educacional. Complementarmente, Chimura et al. (2024) destacam o papel das tecnologias digitais como ferramentas inovadoras para potencializar o ensino de molduras relacionais, evidenciando o impacto positivo da articulação entre ciência, tecnologia e inclusão.

Diante desse panorama, parte-se da hipótese de que o ensino sistemático de molduras relacionais pode ampliar a compreensão da linguagem abstrata em crianças com TEA, promovendo avanços na flexibilidade cognitiva e na capacidade de generalização. Tais benefícios podem refletir diretamente na adaptação escolar, nas interações sociais e na construção de repertórios verbais mais complexos, contribuindo para uma inclusão efetiva.

Nesse sentido, a presente pesquisa é guiada pela seguinte questão norteadora: como a aplicação da Teoria das Molduras Relacionais (RFT) pode contribuir para a compreensão da linguagem abstrata em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando suas dificuldades cognitivas?

A escolha metodológica por uma revisão sistematizada fundamenta-se nas diretrizes de Gil (2017), que estabelece critérios rigorosos para a busca, seleção e análise crítica da literatura científica, garantindo maior confiabilidade e validade aos resultados. A proposta contempla a integração de estudos empíricos, experimentais e tecnológicos, permitindo mapear práticas pedagógicas e terapêuticas já testadas, bem como identificar lacunas para futuras investigações.

Espera-se, portanto, que os achados desta pesquisa possam subsidiar tanto a prática profissional de educadores e terapeutas quanto o desenvolvimento de recursos tecnológicos voltados à educação inclusiva. Além de contribuir para o avanço científico no campo da Psicologia do Desenvolvimento e da Educação Inclusiva, este estudo busca fortalecer o diálogo entre teoria e prática, ampliando o repertório de estratégias capazes de promover aprendizagens significativas, autonomia comunicativa e participação social de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos relevantes à prática científica e profissional (Gil, 2017). A escolha desse delineamento justifica-se pela necessidade de mapear, sintetizar e analisar criticamente as evidências científicas disponíveis acerca da aplicação da Teoria das Molduras Relacionais (*Relational Frame Theory* – RFT) na compreensão da linguagem abstrata em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), permitindo a integração de conhecimentos e a identificação de lacunas na produção acadêmica sobre a temática.

A estratégia de busca foi realizada nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico, abrangendo estudos publicados no período de 2014 a 2024. A busca combinou descritores controlados e termos livres, associados por operadores booleanos, utilizando-se a seguinte estratégia principal: “Teoria das Molduras Relacionais” AND “Transtorno do Espectro Autista” AND “linguagem abstrata” AND “comportamento verbal”.

Os critérios de elegibilidade foram definidos com base no protocolo PICOS (*Population, Intervention, Comparison, Outcomes and Study Design*), conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Protocolo PICOS: Critérios de Elegibilidade.

Componente	Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
População	Crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), com idade entre 0 e 12 anos.	Estudos que incluam adolescentes ou adultos.
Intervenção	Aplicação da Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory - RFT).	-
Comparação	Não especificado. Estudos com diferentes grupos de comparação ou sem grupo de comparação serão considerados.	-
Resultados	Mensuração de resultados relacionados à linguagem abstrata ou à flexibilidade cognitiva.	Pesquisas que não apresentem avaliação de resultados.
Desenho do Estudo	Estudos empíricos e de revisão.	Editoriais e artigos de opinião.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O processo de seleção dos estudos foi conduzido por dois revisores independentes, com auxílio de plataformas gratuitas para gerenciamento de referências, conforme metodologia proposta por Ouzzani et al. (2016). Inicialmente,

foram excluídos os estudos duplicados, seguido da triagem por títulos e resumos. Posteriormente, os artigos pré-selecionados foram submetidos à leitura na íntegra e avaliados quanto aos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Eventuais divergências entre os revisores foram resolvidas por consenso e, quando necessário, com a participação de um terceiro avaliador.

Para a extração dos dados, foram analisadas as seguintes variáveis: metodologia dos estudos, características da amostra, tipo de intervenção baseada na RFT, instrumentos de avaliação utilizados, principais resultados e limitações identificadas pelos autores.

A síntese dos dados ocorreu de forma narrativa, organizando os achados em categorias temáticas alinhadas aos objetivos da pesquisa, procedimento amplamente utilizado em revisões no campo da Psicologia do Desenvolvimento (Sampaio; Mancini, 2007).

Por fim, a qualidade metodológica dos estudos incluídos foi avaliada por meio de instrumentos específicos, de acordo com o delineamento de cada pesquisa, seguindo as recomendações de Hong et al. (2018), com o objetivo de garantir maior rigor científico, confiabilidade e validade interna à revisão integrativa.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A Teoria das Molduras Relacionais (*Relational Frame Theory* – RFT) constitui um referencial teórico e prático relevante para a compreensão da linguagem e da cognição humana, especialmente no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA). A análise das produções científicas selecionadas permitiu delinear o panorama atual dessa abordagem, evidenciando suas contribuições para a compreensão dos processos envolvidos no desenvolvimento da linguagem abstrata e da flexibilidade cognitiva em crianças com TEA.

Os fundamentos da RFT foram sistematizados por Perez et al. (2013), que descrevem a linguagem como um comportamento relacional aprendido, baseado em três propriedades principais: implicação mútua, implicação combinatória e transformação da função dos estímulos. Essas propriedades explicam como os indivíduos conseguem estabelecer relações entre estímulos sem a necessidade de treino direto para cada associação, constituindo a base da cognição complexa e da linguagem simbólica.

Sob a perspectiva do contextualismo funcional, Moraes et al. (2023) destacam que o comportamento verbal deve ser compreendido como um “ato no contexto”, no qual o significado emerge das relações estabelecidas entre os estímulos e da história de aprendizagem do indivíduo. Essa compreensão contrapõe-se aos modelos estruturalistas da linguagem, ao enfatizar o caráter funcional, contextual e relacional do comportamento verbal.

No desenvolvimento infantil, as habilidades de responder relacional emergem progressivamente. Kirsten e Stewart (2021) apontam que a moldura de coordenação, baseada em relações de igualdade e equivalência, tende a ser adquirida inicialmente, servindo como base para o desenvolvimento de relações mais complexas, como

comparação, oposição e hierarquia. Esse processo é considerado fundamental para o desenvolvimento do raciocínio analógico, da resolução de problemas e da linguagem abstrata.

No contexto do TEA, os estudos analisados indicam déficits significativos na formação e na generalização de molduras relacionais complexas. Mendonça (2023) destaca que tais dificuldades impactam diretamente a linguagem simbólica e a flexibilidade cognitiva, manifestando-se frequentemente por meio da rigidez comportamental, da dificuldade de generalização e da interpretação literal da linguagem. Esses aspectos comprometem não apenas a comunicação social, mas também a adaptação aos diferentes contextos sociais e escolares.

No campo clínico, observou-se que a integração entre RFT e Terapia de Aceitação e Compromisso (*Acceptance and Commitment Therapy* ACT) apresenta contribuições relevantes para o manejo terapêutico do TEA. Duque e Ferraz (2023) apontam que a ACT favorece o desenvolvimento da flexibilidade psicológica, auxiliando o indivíduo a lidar com pensamentos e emoções de maneira mais adaptativa, promovendo comportamentos orientados por valores e ampliando a capacidade de enfrentamento diante de situações desafiadoras.

No âmbito educacional, a RFT apresenta importantes contribuições ao propor estratégias de ensino fundamentadas na aprendizagem relacional. Moura e Souza (2021) destacam que essa abordagem permite a construção de contextos pedagógicos mais dinâmicos, favorecendo a aquisição de habilidades abstratas, e superando modelos centrados exclusivamente na memorização mecânica de conteúdos. Dessa forma, a aprendizagem passa a ser compreendida como um processo ativo de construção de relações entre estímulos e significados.

Estudos aplicados, como o de Bim (2024), evidenciam que o ensino de molduras relacionais de oposição, exemplificadas por relações como quente/frio e grande/pequeno, favorece o desenvolvimento de conceitos abstratos, e contribui para a ampliação do repertório verbal desde a infância. Esses resultados reforçam o potencial da RFT como ferramenta de intervenção pedagógica e terapêutica voltada ao desenvolvimento cognitivo de crianças com TEA.

Além disso, o treinamento de habilidades de tomada de perspectiva, relacionado às molduras dêiticas (eu-você, aqui-lá, agora-então), demonstrou impacto significativo na socialização e na compreensão interpessoal de crianças com TEA, conforme apontado por Velozo et al. (2021). Tais habilidades são fundamentais para o desenvolvimento da empatia, da interação social e da compreensão de diferentes pontos de vista.

Apesar dos avanços identificados, a literatura também evidencia limitações importantes. Boavista et al. (2014) destacam a predominância de estudos realizados com adultos e a escassez de pesquisas direcionadas ao público infantil, especialmente envolvendo crianças com TEA. Essa limitação reduz a generalização dos achados, e evidencia a necessidade de novas investigações empíricas que explorem, de forma mais aprofundada, o desenvolvimento e o treinamento de molduras relacionais na infância.

A interface da RFT com outras áreas do conhecimento também tem sido explorada. Cebria e Oliveira (2021) discutem aproximações e divergências entre a RFT e a linguística gerativa de Noam Chomsky, evidenciando diferenças

epistemológicas acerca da origem e do desenvolvimento da linguagem humana. Enquanto a linguística gerativa enfatiza estruturas inatas, a RFT compreende a linguagem como resultado de processos relacionais aprendidos no contexto sociocultural.

Nesse contexto, a RFT destaca-se não apenas como um modelo explicativo, mas também como um referencial aplicado, capaz de orientar práticas clínicas e educacionais voltadas ao desenvolvimento de habilidades complexas. Conforme apontado por Bim et al. (2019), a teoria amplia as possibilidades de intervenção ao focar na promoção da flexibilidade psicológica e na modificação de repertórios comportamentais mais elaborados.

Diante do exposto, observa-se que a Teoria das Molduras Relacionais constitui um referencial relevante para a compreensão e intervenção no desenvolvimento da linguagem abstrata em crianças com TEA. A literatura converge ao indicar que o ensino sistemático de molduras relacionais favorece a flexibilidade cognitiva, a generalização de aprendizagens e o desenvolvimento do repertório verbal. Entretanto, ressalta-se a necessidade de ampliação de estudos empíricos com população infantil, a fim de fortalecer as evidências científicas acerca da eficácia dessas intervenções e ampliar sua aplicabilidade nos contextos clínico e educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa da literatura buscou analisar as contribuições da Teoria das Molduras Relacionais (*Relational Frame Theory* – RFT) para a compreensão da linguagem abstrata em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os achados corroboram a relevância da RFT como um arcabouço teórico e prático fundamental para compreender os complexos processos envolvidos no desenvolvimento da linguagem e da cognição humana, especialmente no contexto do TEA.

Verificou-se que a RFT oferece uma explicação consistente acerca da capacidade humana de estabelecer relações arbitrárias entre estímulos, processo essencial para o desenvolvimento do pensamento simbólico e da linguagem complexa. Entretanto, a literatura analisada aponta que crianças com TEA frequentemente apresentam dificuldades na formação e generalização de molduras relacionais complexas, o que impacta diretamente a linguagem simbólica, a flexibilidade cognitiva e a adaptação social, manifestando-se, muitas vezes, por meio da rigidez comportamental e da interpretação literal da linguagem.

As evidências identificadas demonstram que o ensino sistemático de molduras relacionais pode favorecer avanços significativos na flexibilidade cognitiva, na generalização de aprendizagens e no desenvolvimento do repertório verbal de crianças com TEA. Além disso, a integração da RFT com a Terapia de Aceitação e Compromisso (*Acceptance and Commitment Therapy* - ACT) mostrou-se promissora ao contribuir para o desenvolvimento da flexibilidade psicológica, auxiliando os indivíduos a lidarem de forma mais adaptativa com pensamentos e emoções, bem como a se engajarem em comportamentos orientados por valores.

No âmbito educacional, observou-se que estratégias de ensino fundamentadas na aprendizagem relacional apresentam resultados relevantes para a aquisição de habilidades abstratas, superando práticas centradas exclusivamente na memorização mecânica de conteúdos. Da mesma forma, o treinamento de habilidades de tomada de perspectiva, associado às molduras dêiticas, revelou impacto positivo na socialização e na compreensão interpessoal de crianças com TEA.

Apesar dos avanços identificados, a revisão também evidenciou importantes lacunas na literatura científica, especialmente no que se refere à escassez de estudos empíricos voltados à população infantil com TEA. A predominância de pesquisas realizadas com adultos limita a generalização dos achados e reforça a necessidade de novas investigações que explorem a eficácia das intervenções baseadas na RFT em diferentes contextos clínicos e educacionais.

Dessa forma, conclui-se que a RFT constitui um referencial relevante para a compreensão e intervenção no desenvolvimento da linguagem abstrata em crianças com TEA, oferecendo possibilidades significativas para a promoção da autonomia comunicativa, da flexibilidade cognitiva e da participação social. A continuidade das pesquisas nessa área mostra-se essencial para fortalecer as evidências científicas, ampliar a aplicabilidade prática da teoria e contribuir para o desenvolvimento de estratégias educacionais e terapêuticas cada vez mais inclusivas e eficazes no campo da Psicologia do Desenvolvimento e da Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M.; MURTA, S. G. Terapia de aceitação e compromisso: história, fundamentos e processos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 34-49, 2014.

BIM, N. R. et al. Como a Teoria das Molduras Relacionais (RFT) transforma a clínica comportamental: estratégias recentes para aplicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, 28., 2019, Campinas. *Anais [...] Campinas: ABPMC, 2019.*

BIM, N. R. *Molduras relacionais de oposição: revisão de literatura e procedimentos de ensino para crianças*. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

BOAVISTA, R. R. C. et al. Teoria das molduras relacionais (RFT): uma revisão de estudos empíricos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 485-495, 2014.

CEBRIA, Jaume Ferran Aran; OLIVEIRA, Gleice Magalhães de. A Teoria das Molduras Relacionais (RFT) e a linguística de Noam Chomsky: uma aproximação possível? *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 12, n. 1, p. 184-196, 2021. Disponível em: DOI da publicação. Acesso em: 28 abr. 2025.

CHIMURA, W. da C. et al. O papel das tecnologias digitais no ensino de molduras relacionais para crianças com autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 30, e0245, 2024.

COSTA, C. E. Teoria das Molduras Relacionais (RFT): conceitos básicos e aplicações clínicas. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 3, n. 2, p. 145-156, 2012.

DUQUE, N. C.; FERRAZ, T. C. P. Abordando a flexibilidade psicológica na clínica do espectro do autismo. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2023.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. *Terapia de aceitação e compromisso: o processo e a prática da mudança consciente*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

HONG, Q. N. et al. The Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT) version 2018 for information professionals and researchers. *Education for Information*, Amsterdam, v. 34, n. 4, p. 285-291, 2018.

KIRSTEN, E. B.; STEWART, I. Assessing the development of relational framing in young children. *Journal of Contextual Behavioral Science*, [S. l.], v. 20, p. 1-10, 2021.

MARTINS, T. E. M. O desenvolvimento de molduras relacionais na infância: uma revisão integrativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 39, e39201, 2023.

MENDONÇA, D. *Explorando a Teoria das Molduras Relacionais e aplicações no autismo: uma síntese de artigos relevantes sobre RFT*. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

MORAES, G. J.; ASSAZ, D. A.; OSHIRO, C. K. B. *Teoria das Molduras Relacionais (RFT): introdução para analistas do comportamento*. São Paulo: Paradigma, 2023.

MOURA, S. de S.; SOUZA, R. B. de. Teoria das molduras relacionais como uma contribuição comportamental para educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e237609, 2021.

OUZZANI, M.; HAMMADY, H.; FEDOROWICZ, Z.; ELMAGARMID, A. Rayyan: a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews*, Londres, v. 5, n. 1, p. 210, 2016.

PEREZ, William F.; NICO, Yara C.; KOVAC, Roberta; FIDALGO, Adriana P.; LEONARDI, Jan L. Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (*Relational Frame Theory*): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, Belém, v. 4, n. 1, p. 32-50, 2013.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Systematic review studies: a guide for careful synthesis of the scientific evidence. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTOS, R. E. Linguagem e cognição no autismo: contribuições da análise do comportamento. *Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria, v. 34, p. 112-128, 2021.

SILVA, J. A. da. As tecnologias digitais da informação e comunicação no processo de alfabetização de autistas. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v. 1, n. 14, p. 105-120, 2021.

VELOZO, A. L. et al. Teoria das Molduras Relacionais e a tomada de perspectiva: uma revisão dos protocolos de treinamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 37, e37412, 2021.